

O musicar local dos festivais de viola e sertanejo raiz¹

Luiz Fernando Dias Prado (USP/São Paulo)

Palavras-chave: etnomusicologia, música sertaneja, viola caipira

Começa com os sons do tráfego: caminhões, motos, automóveis, motores preenchendo o espaço. Na praça, homens, mulheres e crianças vem e vão, sentam-se nos bancos aguardando alguém, o horário, a tarde passar. De novidade, as pessoas que se agitam na organização da sexta edição do Fest Viola Muniz.

Logo mais, a praça Divino Espírito Santo, no coração de Muniz Freire, ganhará novas presenças sonoras: o timbre de violas caipiras, violões e sanfonas, o grave de vozes masculinas cantando em dueto, as batidas características da moda de viola, do pagode e do cururu. E outras sonoridades mais. Ao longo de quatro dias, o musicar dos envolvidos no festival será determinante para produzir uma localidade que começa na vizinhança da praça e se espalha, sem exageros, pelo estado do Espírito Santo e além.

Muniz Freire é um município de 18 mil habitantes localizado na região do Caparaó capixaba. Cercado por morros, plantações de café e rebanhos leiteiros, tem boa parte de sua população composta por descendentes de imigrantes italianos, cujo reconhecimento se percebe no monumento construído em frente à praça Divino Espírito Santo, que elenca uma série de sobrenomes das famílias pioneiras. Sua economia é bastante calcada nas atividades rurais, o que se nota mesmo no centro urbano, graças às lojas agropecuárias em posição privilegiada na malha da cidade.

Graças à iniciativa do violeiro Marcelo Favoretto, a cidade é palco desde 2018 do Fest Viola Muniz, festival musical que se configura, segundo a própria organização, como sendo

enraizado na rica tradição da cultura caipira, celebrando suas diversas manifestações, que retratam não só as origens do município, mas de todo o Brasil Rural, valorizando a música sertaneja de raiz, tendo a Viola Caipira e a Sanfona como instrumentos principais.²

1 Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

2 Texto retirado do site oficial do Fest Viola Muniz: <https://festviolamuniz.com.br/>. Acesso em 27 de junho de 2024.

Em sua sexta edição, realizada entre os dias 2 e 5 de maio de 2024 na praça Divino Espírito Santo e ruas circundantes, dois palcos foram montados para receber uma série de apresentações musicais de artistas de projeção local, regional e nacional. Dentre a programação, o Concurso Nacional de Música Caipira, reunindo oito duplas vindas de cidades do Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo, que subiram ao palco na terceira noite do evento para se apresentar diante do público, sendo também avaliadas por uma comissão julgadora instituída pela organização. Para os melhores avaliados, troféus e prêmios em dinheiro.

Além das duplas que disputaram o Concurso, o festival trouxe outras atrações musicais, a maior parte delas pertencente ao universo da música sertaneja, dentro da vertente que se costuma classificar como sertanejo raiz. Mas não apenas. Orientada por uma concepção plural de raízes musicais, a curadoria do Fest Viola Muniz também incluiu sonoridades orientadas para outros gêneros musicais, como o folk, a mpb, o rock e o forró.

O presente trabalho busca descrever e analisar algumas das principais sonoridades produzidas pela sexta edição do Fest Viola Muniz. Orientado pela noção de musicar local (Reily, 2021) – que reúne os conceitos de musicar (Small, 1998) e localidade (Appadurai, 1996) – pretendo compreender como essas sonoridades, geradas pelo musicar dos envolvidos no festival, contribuem para a produção de uma determinada localidade, que chamo aqui, tomando emprestada a expressão dos próprios organizadores do evento, de Brasil Rural.

Musicar local

A ideia de musicar local (Reily, 2021) consiste na reunião de dois conceitos cuja articulação permite pensar os desdobramentos sociais de práticas musicais. Tratam-se das noções de musicar (Small, 1998) e localidade (Appadurai, 1996).

Em seu trabalho, Small (1998) propõe que as pesquisas em torno da música sejam feitas tendo em vista não os produtos resultantes das práticas musicais – como as músicas gravadas, por exemplo – mas as próprias práticas musicais. O autor sugere que pensemos a música não como um substantivo, mas como um verbo: musicar. Não como uma coisa, mas uma atividade realizada pelas pessoas (1998: 2). Segundo Small, a natureza e o significado fundamentais da música residem não nos objetos, nas produções musicais, mas nas ações. Para compreender a natureza e a função da música

na vida humana é preciso, defende o autor, entender o que as pessoas fazem ao tomar parte de uma performance musical (1998: 8).

Para isso, Small propõe o conceito de musicar, procurando abarcar, de maneira panorâmica, qualquer atividade que contribua para uma performance musical. Cantar, tocar um instrumento, escutar música, carregar um piano de um lado a outro do palco, vender ingressos para um espetáculo, são todas atividades que concorrem para a realização de um ato musical. “(...) musicking is an activity in which all those present are involved and for whose nature and quality, success or failure, everyone present bears some responsibility” (Small, 1998: 10).

Apaddurai (1996), por sua vez, nos apresenta a localidade como resultado da construção coletiva de uma comunidade. Trata-se de uma categoria primariamente relacional e contextual, não escalar ou espacial, uma qualidade fenomenológica complexa que se constrói através de conexões entre o senso de imediatismo social, tecnologias de interatividade e a relatividade dos contextos (1996: 178).

Para o autor, a localidade não é um espaço dado no qual as pessoas habitam, mas algo efêmero que demanda trabalho duro e regular para ser produzido e sustentado (1996: 180-181). Corresponde a uma estrutura de sentimentos produzida por formas particulares de atividades intencionais, que rendem efeitos materiais particulares (1996: 182) em vizinhanças específicas (1996: 198).

É pensando nas práticas musicais como essas formas particulares de atividades intencionais que Reily (2021) une os dois conceitos – musicar e localidade – na categoria analítica do musicar local. De acordo com a autora, o musicar local envolve “o estudo da articulação do musicar ao local em que ocorre”, procurando identificar “como as atividades musicais investigadas afetam a localidade em que se encontram e como as propriedades da localidade afetam os musicares que ocorrem ali” (2021: 18).

Segundo Reily, a música é uma prática fértil para se estudar como a confluência de sonoridades em uma localidade pode se articular no desenho de seu perfil identitário (2021: 6). Ao mesmo tempo, aponta a autora, atos de performance musical, sobretudo aqueles de caráter comunitário, podem se mostrar bastante eficientes na produção de localidades (2021: 12).

A autora sublinha ainda que a ideia de produção da localidade de Appadurai se constitui enquanto um projeto político. Corresponde à “construção coletiva de um espaço em que se almeja viver” (2021: 11). E, ao mesmo tempo, prossegue a autora, ao se conectar à ideia de estrutura de sentimentos, vinda de Raymond Williams, a

localidade “aponta para a construção de uma relação afetiva que liga as pessoas de uma vizinhança ao contexto em que vivem e umas às outras (2021: 12-13).

Assim, a partir desse repertório teórico é possível pensar o Fest Viola Muniz como uma tecnologia de interatividade mobilizada pelo musicar de organizadores, músicos, jurados, público e outros agentes na produção dessa estrutura de sentimentos, permeada por termos como tradição, cultura caipira e raiz, que apontam para uma localidade identificada como o Brasil Rural. Um musicar que tem seu eixo em um instrumento – a viola caipira – e um gênero musical – o sertanejo raiz – exatamente como símbolos da tradição, da cultura caipira e da raiz.

Viola caipira e música sertaneja raiz

A viola caipira é um cordofone geralmente composto por dez cordas agrupadas em cinco pares. Sua origem é ibérica, tendo chegado ao Brasil com os portugueses durante o período colonial (Vilela, 2015: 38). Aqui, foi utilizada pelos jesuítas para a catequeização dos indígenas e se espalhou pelo território do que viria a ser o Brasil, sobretudo a região de influência paulista – São Paulo, sul de Minas Gerais e Triângulo Mineiro, Goiás, Mato Grosso do Sul, partes do Mato Grosso e do Tocantins e norte do Paraná – pela iniciativa de bandeirantes e tropeiros (Vilela 2015: 42).

Tendo sido primeiramente um instrumento urbano, tanto em Portugal quanto no Brasil, a viola cede espaço nas cidades, durante o século XIX, para o violão, tornando-se objeto predominantemente do universo rural e das culturas populares e orais (Vilela, 2024). A partir das primeiras gravações fonográficas de músicas feitas por habitantes do interior de São Paulo, realizadas em 1929 por iniciativa de Cornélio Pires (Alonso, 2015), a viola entra no universo do disco e passa a ser um dos elementos definidores da sonoridade da música caipira.

Para autores como Martins (1975) e Caldas (1979), é justamente a entrada na indústria fonográfica que representa o marco de distinção entre música caipira e música sertaneja. Uma dicotomia que se altera ao longo do tempo, dos autores e dos campos etnográficos penetrados, mas que é essencial para a compreensão do sertanejo raiz e do próprio Fest Viola Muniz.

Martins (1975) defende que música caipira e música sertaneja não são termos equivalentes (Martins, 1975: 104). A primeira trata-se das manifestações musicais dos bairros rurais, que acompanham atividades religiosas, de trabalho e lazer (1975: 105) e

portanto, é caracterizada por seu valor de utilidade na manutenção das relações sociais essenciais do cotidiano caipira (1975: 112).

Já a música sertaneja é entendida pelo autor como uma mercadoria destinada para o consumo, com fim em si mesma (Martins, 1975: 113). Sendo produzida nos centros urbanos, para as populações migrantes das zonas rurais que se instalaram nas grandes cidades a partir de meados do século XX, a música sertaneja seria, para Martins, mais um componente da alienação desses trabalhadores (1975: 138).

Caldas também opera com essa distinção, vinculando a música caipira ao folclore paulista e separando-a da música sertaneja, de origem urbano-industrial (Caldas, 1979: XIX). Se a primeira teria o mesmo papel desenhado por Martins, de mediar as relações sociais e evitar a desagregação das populações rurais (1979: XIX), a segunda atuaria para acentuar a alienação das camadas inferiores da população (1979: XX). A música sertaneja, para Caldas, seria assim uma música caipira urbanizada e tornada comercial, produto da indústria cultural (Caldas, 1979: 6).

Mais recentemente, autores como Oliveira (2009) e Alonso (2015) propuseram outras visões acerca da música sertaneja, que a entendem não a partir de uma ruptura com a música caipira, mas de uma continuidade perpassada pelos processos de modernização da sociedade brasileira. Vilela (2015), por sua vez, sublinha que a música sertaneja, em vez de fonte de alienação, pode ser motivo de enraizamento para os trabalhadores migrantes vindos do meio rural, sendo importante para manter firmes seus laços com o meio de origem.

Nessa tentativa de pontuar delimitações e traçar legitimidades entre uma música pura do meio rural e uma música urbanizada, uma categoria que emerge é a de sertanejo raiz. Utilizada por alguns como sinônimo de música caipira e negada por outros como invenção sem fundamento, o termo é importante no contexto etnográfico para ajudar a compreender os significados e associações que acompanham as práticas musicais.

Oliveira (2009) aponta a complexidade da questão ao encontrar em campo a expressão sertanejo raiz mobilizada de modos distintos. Em alguns contextos, ela surge como parte de uma disputa por legitimidade no universo da música de origem rural. Enquanto o termo música sertaneja vale para se referir às práticas musicais modernas, sertanejo raiz é mobilizado para se referir ao campo do tradicional (2009: 25). Em outros contextos etnográficos vivenciados pelo autor, contudo, a expressão sertanejo raiz adquire uma qualidade simplesmente temporal, de um repertório chancelado pelo tempo (2009: 128).

Dito de outro modo, para certos agentes, em determinados contextos, sertanejo raiz (como sinônimo de música caipira) e música sertaneja são entendidos como elementos separados por um corte decisivo que envolve diferenças de instrumentação, modos de cantar, conteúdo das letras, entre outros elementos. Como resultado desse corte, as diferenças entre um e outro tornam-se mais relevantes do que possíveis afinidades. Já para outros agentes, em contextos distintos, sertanejo raiz e sertanejo são encarados como parte de um mesmo universo, separados sobretudo pelo tempo. Essa linha temporal ocasiona sim diferenças na instrumentação, nos modos de cantar e no conteúdo das letras, mas essas diferenças são lidas menos como rupturas do que desenvolvimentos do gênero.

É a partir da percepção da existência de uma música sertaneja raiz e de uma música sertaneja moderna que se organizam festivais de viola e música sertaneja raiz como o Fest Viola Muniz, fundamentados em dar palco para as práticas musicais consideradas tradicionais. Em cada festival, o jogo entre tradição e modernidade pode apresentar características próprias, em virtude do musicar dos agentes envolvidos. O festival de Muniz Freire trata-se de uma dessas possibilidades. Vamos a ele.

6º Fest Viola Muniz

Durante quatro dias, o centro de Muniz Freire viu suas sonoridades habituais serem substituídas por vozes, timbres, ritmos e melodias que se enlaçam a partir de expressões como “nossa cultura”, “nossas tradições” e “nossas raízes”. São esses termos que validam o acesso dos variados performers do festival e, simultaneamente, servem de elo para a diversidade de práticas musicais do evento.

Música sertaneja raiz e viola caipira, seu instrumento símbolo, são os elementos principais do festival³. O sertanejo raiz é o gênero que mais vezes esteve nos dois palcos do evento, sempre executado, pelos menos, com a presença da viola e do violão⁴. Esse lugar de destaque se revela sobretudo no Concurso Nacional de Música Caipira.

3 Apesar do texto produzido pela organização do evento fazer referência à sanfona, o principal instrumento da 6ª edição do festival foi mesmo a viola caipira. Isso não significa que a sanfona não esteve presente em algumas apresentações, apenas que o lugar de destaque – como o nome do festival já indica – pertence mesmo à viola.

4 Talvez devido à popularidade do violão no meio urbano e em outros gêneros musicais, o instrumento não partilha da mesma carga simbólica da viola caipira como representante da música de origem rural, mesmo sendo parte integrante do formato tradicional das duplas que cantam em dueto.

Ainda que não ocupe a maior parte da programação do festival, como acontece em outros eventos do gênero (Dias Prado, 2023), sendo realizado na terceira noite, contando com aproximadamente 1h30 de duração, o Concurso Nacional é importante justamente como o espaço no qual se constrói o cerne da ideia de música sertaneja raiz.

Em primeiro lugar, a participação dos violeiros⁵ no Concurso se dá, diferentemente das outras atividades do festival, a partir de inscrições espontâneas acompanhadas de um processo seletivo. Seguindo as orientações do regulamento divulgado pela comissão organizadora, violeiros de diferentes partes do Brasil enviaram sua inscrição e um vídeo, no qual executavam uma música consagrada do gênero sertanejo raiz, a mesma que pretendiam apresentar no palco do evento.

Os itens do regulamento são fundamentais para a compreensão do que os organizadores do Fest Viola Muniz entendem por música sertaneja raiz, servindo como a linha divisória do que pode ou não ser enquadrado no gênero. Em primeiro lugar, chama atenção a equiparação dos termos sertanejo raiz e música caipira, logo nas primeiras linhas do texto, o que revela uma visão pautada pela continuidade entre a música caipira e a música sertaneja, mais próxima dos materiais reunidos por Oliveira (2009) e Alonso (2015) do que da visão de Martins (1975) e Caldas (1979):

1.4 - O Concurso de Música Caipira é destinado à categoria de Interpretação de música caipira, onde os participantes serão avaliados por sua performance no palco, interpretando uma música já consagrada no estilo sertanejo raiz (música caipira).

A performance gravada em vídeo e enviada para a organização foi avaliada a partir de três critérios, conforme discriminados no regulamento: Performance (interpretação), Técnica Instrumental (arranjo) e Afinação. Sendo a afinação referente ao canto, percebe-se aqui outra característica que define o sertanejo raiz: a importância simultânea da perícia no instrumento e do domínio da voz. Assim como Oliveira (2004) apontou a respeito dos violeiros de Piracicaba, um bom músico do gênero, no Concurso de Música Caipira do Fest Viola Muniz, deve saber simultaneamente tocar e cantar.

Existem outras definições presentes já no regulamento que circunscrevem o espaço desse tocar e cantar dos violeiros e, a partir disso, oferecem outras características

5 A denominação violeiro é usada pelos agentes do Fest Viola Muniz, e também de outros festivais de viola e música sertaneja raiz, para designar o músico que integra uma dupla raiz, independentemente de tocar viola ou violão.

do sertanejo raiz. Uma delas é a obrigatoriedade da performance contar com a presença da viola caipira de 10 cordas. Além dela, o regulamento permite o uso, opcional, apenas de um violão de seis cordas. Aqui se percebe a ênfase na viola como instrumento símbolo da música caipira/sertaneja raiz e a delimitação de um universo instrumental que seria tradicional do gênero.

Em relação ao canto, o texto do regulamento limita para a apresentação o máximo de duas vozes. Dessa forma, reunindo viola, violão e duas vozes temos o formato consagrado pela indústria fonográfica das duplas caipiras/sertanejas raiz. Com isso entende-se qual é o universo de “consagração” das músicas do Concurso: a tradição a qual se liga o Fest Viola Muniz é a da música sertaneja raiz gravada em discos.

Durante as performances no Concurso, todos os oitos concorrentes selecionados eram duplas, que subiram ao palco apresentando-se com o canto duetado e o instrumental composto pela viola caipira e o violão de seis cordas⁶. O repertório executado consistiu em músicas que se enquadram em ritmos considerados tradicionais do repertório raiz, como modas de viola, toadas, cururus e pagodes de viola. Em suas letras, carros de boi, boiadeiros, a idealização da vida no ambiente rural, as dificuldades do migrante do campo no ambiente urbano.

O vai e vem do carreiro *(Carlos Cêzar e Cristiano)*

Carreiro vai, carreiro vem
Beirando matas, cordilheiras
Campos e espigões
Na estrada azul dos matagais
Lhe acompanham passarinhos
Vindo dos sertões
No peito seu, eu sei que tem
Seis bois puxando o carro
Triste do seu coração
É a saudade emparelhada
Com a lembrança
O amor, a esperança
Desespero e solidão

(trecho da letra da música defendida por Wesley e Tiago)

6 Cada dupla apresentou duas músicas, uma de aquecimento, que não foi avaliada, e a música inscrita para o Concurso. Quando a música inscrita era uma moda de viola, o violão não foi utilizado, já que nesse ritmo apenas a viola acompanha o canto duetado. Contudo, mesmo as duplas que defenderam modas de viola subiram ao palco com o violão para tocar a música de aquecimento.

O doutor e o caipira (*Goiano e Geraldinho*)

Eu dou motivo pra me chamar de caipira
Mas continuo lhe tratando de senhor
Eu não me zango, pois não disse uma mentira
Pelo contrário isso até me dá valor

Sua infância foi lições de faculdade
Na realidade hoje é grande doutor
Não tive estudos, minha escola foi trabalho
Desbravando meu sertão no interior
(Trecho da letra da música defendida por Miguel Machado e Gabriel)

Lamento de caboclo (*Carlos César e Morgado*)

Por um trilho estreito entre samambaia
De chapéu de palha eu ia pra mina
Enchia o corote com a canequinha
De água fresquinha, limpa e cristalina

Depois me sentava no barranco ao lado
E entusiasmado eu ficava olhando
A queda da água rodando o moinho
E no ribeirãozinho o monjolo malhando

À tarde eu deixava o monjolo parado
E o arroz socado levava pra janta
Corria na venda, comprava envelope
Voltava à galope num cavalo pampa
(Trecho da letra da música defendida por Paulo Sousa e Andressa)

Palavras que deixam de lado o asfalto, os motores e as buzinas que preenchiam a atmosfera em torno da praça Divino Espírito Santo e convidam para outros sons. A roda da carroça indo lenta pela estrada de chão, os golpes da enxada rasgando a terra, o barulho da água seguindo rumo e dos cascos do cavalo levantando poeira. Timbres graves, predominantemente masculinos⁷, de falas firmes, seguras e potentes, seguindo lado a lado no dueto, terça acima, terça abaixo, significando técnica, trabalho duro e

⁷ Dos 16 músicos participantes do Concurso, apenas duas mulheres, integrando duplas mistas – um casal e pai e filha. Mesmo assim, uma dessas duplas ficou em 3º lugar e a outra ganhou o prêmio de Aclamação Popular.

parceria. A viola estridente, aguda, com seus sons metálicos facilmente associados ao campo, à roça, à natureza.

Durante aquela hora e meia em que os violeiros se revezaram no palco, o Brasil Rural esteve mais perto da praça Divino Espírito Santo. Os cafezais e rebanhos espalhados pelos morros ao redor do centro urbano mostraram que a disposição geograficamente periférica não precisa se repetir no plano dos sentimentos, da memória e do pertencimento. Com a música sertaneja raiz, reitera-se o caipira.

Outros sons

Mas não é tudo. Como anuncia o próprio texto divulgado pela organização do festival, destacado no início do artigo, a proposta do Fest Viola Muniz é celebrar a cultura caipira em suas diversas manifestações. E é a relação entre as múltiplas sonoridades propostas pelo festival que estabelece essa diversidade, anunciando o entendimento do que é raiz para organizadores, público, músicos e outros agentes participantes do evento.

A maior parte da programação do Fest Viola Muniz é composta por performances musicais de artistas contratados pelo evento. Tratam-se de shows com cerca de 2 horas de duração, nos quais músicos de projeção local, regional ou nacional se apresentam com repertórios, em geral, de sucessos sertanejos gravados por outros artistas. Isso reforça a característica já apontada, não só do Fest Viola Muniz, mas de outros eventos similares, da predominância da tradição da música vinda da indústria fonográfica.

Nestas apresentações, como das duplas Wal Barcellos e Muniff e Eloy e Tiel e dos grupos Som Caipira e Os Altaneiros, nota-se um significativo deslocamento temporal do repertório apresentado. O sertanejo raiz está presente, mas surgem, em proporção variada, de artista para artista, músicas do universo sertanejo mais contemporâneas, sobretudo dos anos 1980 e 1990. São canções chamadas muitas vezes de sertanejo romântico, não sendo consideradas caipiras.

É interessante perceber que, se na lógica da cisão entre música caipira e música sertaneja proposta por Martins (1975) e Caldas (1979) tais performances poderiam se mostrar em contradição com o repertório apresentado pelas duplas do Concurso Nacional, na chave que entende o sertanejo raiz e o sertanejo como continuidade, participando do mesmo mundo sonoro, a contradição desaparece. Tudo faz parte da

mesma tradição sertaneja, com distinções estilísticas e temáticas causadas sobretudo por diferenças temporais.

Isso não quer dizer, é importante destacar, que os agentes não produzam outros tipos de divisão. A principal delas é a que opõe essas sonoridades ao chamado sertanejo universitário. Marcelo, organizador do Fest Viola Muniz, diz categoricamente que não há espaços para o universitário no evento. Alguns violeiros, como Léo Renan, do grupo Som Caipira, e Vinícius, dos Altaneiros, negam mesmo que o termo sertanejo seja adequado para se referir ao universitário. Para ambos, os elementos dessa música se tornaram tão distintos da tradição sertaneja que não é possível considerá-la parte da mesma.

A inclusão do sertanejo romântico na programação do Fest Viola Muniz indica que essas músicas são ouvidas pela organização, pelos artistas e pelo público como parte da mesma tradição a qual pertence o sertanejo raiz. E, portanto, também se inserem no universo das sonoridades que constroem o Brasil Rural. Entretanto, essa aproximação não ocorre sem um afastamento, que se dá na distinção exercida pelo Concurso Nacional. Não é porque os agentes entendem essas músicas como parte de uma mesma tradição que julgam todas como sendo mesma coisa. Isso se torna ainda mais evidente pela recusa, por parte de algumas pessoas, em aceitar o universitário como elo legítimo dessa continuidade.

Existem afastamentos no Fest Viola Muniz, mas também existem aproximações mais ou menos inesperadas, provocadas sobretudo pela organização do festival. Ao buscar se pautar pela ideia de raiz, a curadoria do evento justifica algumas inclusões na programação que fogem do universo da música sertaneja e, assim, expandem as sonoridades que constroem essa localidade.

A principal delas na edição de 2024 do festival é a participação da banda Casaca. Trata-se de um grupo que mistura rock a elementos da musicalidade considerada tradicional capixaba. Tal fusão é simbolizada pela presença simultânea da guitarra e da casaca, instrumento tradicional das bandas de congo do Espírito Santo. Instrumento percussivo da classe dos idiofones, a casaca me foi descrita como uma espécie de reco-reco gigante, adornado com uma cabeça esculpida em seu topo.

A sonoridade dos instrumentos, as imagens trazidas pelas letras, o modo de cantar dos membros da Casaca em nada lembravam as duplas do Concurso Nacional ou as outras atrações do festival situadas no universo sertanejo. Durante sua performance,

foi a vez da guitarra, dos tambores, teclados, canções sobre o mar e sobre a Barra do Jucu, bairro do município de Vila Velha de onde se originou a banda.

Tamanho afastamento é relativizado pela presença dos elementos tradicionais – sobretudo a casaca e os tambores – na sonoridade do grupo. Ao produzir música reunindo elementos das raízes capixabas, a banda se torna parte da diversidade de manifestações defendida pela organização do festival. Diversidade que transborda das estratégias curatoriais e se manifesta na rua, quando vemos um público distinto das outras apresentações do evento, cantando e dançando ao som da banda, cuja popularidade no começo dos anos 2000 tornou suas canções trilha sonora da adolescência de muitos dos adultos ali presentes naquela noite de sexta-feira.

Essa mesma visão foi responsável pela escalção no evento do Forrozen, grupo de forró pé de serra, e também do cantor Zé Geraldo, principal atração do festival. Mineiro de Rodeiro, Zé Geraldo possui sonoridades que transitam entre o folk, o rock rural, o rock e a música caipira. Sua música autoral, assim como as da Casaca e também as canções famosas interpretadas pelo Forrozen, são compreendidas como possuindo raízes que legitimam sua presença no Fest Viola Muniz ao lado de expressões da “rica tradição da cultura caipira” representadas pela música sertaneja raiz.

Sonoridades que somam-se para produzir um Brasil Rural complexo, que busca a tradição mas joga com o conceito e seus parceiros – raiz e cultura – para abarcar a diversidade do mundo contemporâneo. Muniz Freire tem suas raízes rurais, mas também tem sua cultura ligada ao hibridismo do rock com o congo, do forró pé de serra e do rock rural. Se há protagonismo da música sertaneja raiz e de seu instrumento símbolo – a viola caipira – o Fest Viola Muniz não deixa contudo de propor uma visão alargada das ideias de tradição, cultura e raiz, que não se exime de traçar limites – como acontece com a exclusão do universitário – mas se pauta mais pela diversidade do que por um apego purista às tradições do passado.

Considerações finais

O musicar dos organizadores, músicos, público e outros agentes participantes do Fest Viola Muniz se esforça para produzir uma localidade assentada em laços com o ambiente rural, considerado parte de sua tradição. Isso é feito, sobretudo, a partir da tradição da música sertaneja raiz, encarada menos a partir de divisões do que é ou não

legítimo e mais por critérios temporais, responsáveis por consagrar determinadas canções como parte do gênero.

Essa relação com o Brasil Rural, contudo, não é a única que organiza os musicares do evento. Graças a uma determinada noção de diversidade, outros gêneros musicais integram sua programação e mostram como os próprios agentes compreendem e assumem a multiplicidade da localidade que integram. O rural é um ponto de partida, mas não está necessariamente sozinho e nem é o único que se pretende manter. As principais sonoridades que o Fest Viola Muniz propõe para a cidade são aquelas que criam constelações para o universo rural, mas outras estrelas também podem ser avistadas neste céu de sons.

Referências bibliográficas

ALONSO, Gustavo. 2015. *Cowboys do asfalto: música sertaneja e modernização brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

APPADURAI, Arjun. 1996. "The Production of Locality". In *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press. p.178-199.

CALDAS, Waldenyr. 1979. *Acorde na aurora: música sertaneja e indústria cultural*. São Paulo, Cia. Editora nacional.

DIAS PRADO, Luiz Fernando. 2023. *Ponteando a cultura: festivais de viola, resgate e (re)criação da tradição caipira/sertaneja no estado de São Paulo*. In: XIV Reunião de Antropologia do Mercosul, Niterói.

MARTINS, José de Souza. 1975 *Música sertaneja: a dissimulação na linguagem dos humilhados*. In *Capitalismo e tradicionalismo*. São Paulo, Pioneira. p.103-161.

OLIVEIRA, Allan de Paula. 2004. *O tronco da roseira: Uma antropologia da viola caipira*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

_____. 2009 *Miguilim foi pra cidade ser cantor: Uma antropologia da música sertaneja*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

REILY, Suzel Ana. 2021. “O musicar local e a produção musical da localidade”. In GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia. v. 6, n.1. São Paulo. p.1-21.

SMALL, Christopher. 1998. Musicking: The Meanings of Performance and Listening. Middletown, Wesleyan University Press.

VILELA, Ivan. 2015. Cantando a própria história: Música caipira e enraizamento. São Paulo, Edusp.

_____. 2024. História e cultura no som da viola: ensaios e relatos sobre cultura popular. Cotia, Ateliê Editorial.